
Atravessando mares, cruzando vozes

Geysa Silva

Resumo

*Este artigo propõe uma reflexão sobre problemas teóricos que envolvem o narrador, mais precisamente no romance *Vigilia del Almirante*, de Roa Bastos. Nosso objetivo é construir relações entre ficção, identidade e História que sejam capazes de mostrar a cena original agora reescrita e as circunstâncias em que elas acontecem.*

Palavras-chave: narrador; Literatura e História; Literatura e Identidade; Roa Bastos.

Discutir hoje a questão dos nacionalismos é perceber que o conceito de identidade deslocou-se das relações internas de determinado grupo para situar-se nas fronteiras, lá onde a diferenciação se inspira para renovar-se e distinguir-se dos traços culturais que lhe são vizinhos. O nacional, portanto, não é uma essência a ser descoberta e revelada; é um conjunto de símbolos facilmente reconhecíveis, produzindo uma imagem convincente e criando ligações afetivas entre pessoas que lutam por direitos e procuram conquistar espaços sociais. Assim, a antropologia contemporânea abandonou o referencial das etnias para adotar a etnicidade ou lugar do intercultural, um modo particular de consciência de si que legitima reivindicações de direitos coletivos. É evidente que os esquemas usuais de estudo da identidade cultural tornaram-se mais complexos, recusando-se a relação pura e simples entre identidade e nação. É o rompimento da exclusividade dessa perspectiva que permite repensar a diferença, superando o culto do exótico e até mesmo da banalidade.

É óbvio que as novas posturas acadêmicas, diante desses problemas, estão inseridas no debate maior da globalização, incluindo aí o desaparecimento das chamadas culturas tradicionais. Processo histórico, ideologia, fatalidade econômica – tudo isso diz respeito a um emaranhado de lugares-comuns e indicia o “mal-estar da civilização” (retomando Freud) que se disseminou pelo mundo, exibindo contradições e provocando angústias.

O problema que se coloca hoje, após a dissolução da euforia modernizante, é procurar respostas possíveis para questões que dizem respeito ao indivíduo e suas relações com o macro e o micros social, conectando o semelhante com o diferente, ou melhor, a “alteridade” com o que Octavio Paz (1976) chama de “outridade”.

O fenômeno moderno da incomunicação não depende tanto da pluralidade de sujeitos quanto do desaparecimento do tu como elemento constitutivo da consciência [...]. A imaginação poética não é invenção, mas descoberta da presença. Descobrir a imagem do mundo no que emerge como fragmento ou dispersão, perceber no uno o outro, será devolver à linguagem sua virtude metafórica: dar presença aos outros. A poesia: procura dos outros, descoberta da *outridade* (PAZ, 1976, p. 102, grifo nosso).

A eliminação das distâncias, quer por meios “físicos”, quer por meios virtuais (se é que se pode fazer essa diferença), suprimiu o isolamento de certas comunidades, porém, nos obriga a repensar o lugar da diferença e o fenômeno de sua persistência em um mundo cada vez mais globalizado.

Tendo em vista que o problema da diferença não é exclusivamente contemporâneo, a literatura em geral e a literatura hispano-americana em particular mostram-se interessadas em recuperar as principais representações da diferença que alimentaram o imaginário ocidental, antes e depois da descoberta da América. Rumo ao passado, as narrativas de fundação navegam teoricamente para demonstrar a

percepção da alteridade que se construiu ao longo da nossa história, salientando que os julgamentos sobre o Outro sempre procuraram colocá-lo em posição de inferioridade.

Si esas tierras que voy a descubrir no tienen oro, lo cual las haría inútiles y perdidas, de seguro tendrán gente. Se puede la prender a toda ella y traella como esclavos y consumilla en las minas y aun vendella a buen precio em las granjerías de la mesma España, y aun del resto de Europa (ROA BASTOS, 1992, p. 185-186).

Esse trecho, destacado de *Vigilia del Almirante*, do paraguaio Roa Bastos (1992), enuncia o olhar europeu como submissão das diferenças e particularidades aos interesses do colonizador, ou ainda como um discurso voltado para a justificação da necessidade de dominar o Outro. A História da América nos oferece muitos exemplos do imaginário do ocidente em significativas imagens do aprisionamento do Outro, legitimando a submissão do diferente. O feito de Colombo obrigou os europeus a tomarem conhecimento de um mundo natural e humano desconhecido e isso provocou, sem dúvida, uma revolução na maneira de perceber o Outro. Entretanto, essa mudança não foi imediata, pois foi preciso que se passassem alguns anos para que a América surgisse como um Novo Mundo. Francisco de Vitória e Bartolomeu de las Casas, por exemplo, ao defenderem os direitos dos selvagens, preocupam-se em definir a humanidade americana de modo a consolidar um consenso a respeito da legitimidade da evangelização e até mesmo da escravatura:

Estando assim os índios bem encaminhados na fé, com mui grande alegria dos irmãos religiosos e esperança de poder levar a Jesus Cristo a todos os habitantes desse reino, que restavam em pequeno número em virtude das matanças e guerras passadas [...] (LAS CASAS, 1984, p. 72).

A literatura contemporânea tenta resgatar, então, nosso passado a partir da problemática do presente – a globalização –, acenando com o desejo de conhecer a alteridade nela mesma, deixando de vê-la como elemento da natureza para inseri-la no reino dos costumes e da História. Trata-se de uma nova forma de conhecimento que exige uma atualização constante, a partir da tomada de consciência necessária ao reconhecimento da distância entre o texto e o evento, supondo, entretanto, a participação da literatura que, nas palavras de Octavio Paz, “nos faz recordar o que queremos” (1976, p. 46).

Espanhóis e portugueses trouxeram para a América o conceito de “bárbaro”, herdado da Grécia Clássica – aquele que está fora do domínio da lei e é, portanto, não-humano. A oposição entre civilização e barbárie, assim articulada, com seus preconceitos contra sociedades não-urbanas, sem propriedade e sem fixação territorial, atingiu plenamente os povos pré-colombianos, negando-lhes a condição humana.

Os espanhóis, com seus cavalos, suas espadas e lanças começaram a praticar crueldades estranhas; entravam nas vilas,

burgos e aldeias, não poupando nem as crianças e os homens velhos, nem as mulheres grávidas e parturientes e lhes abriam o ventre e os faziam em pedaços como se estivessem golpeando cordeiros fechados em seu redil (PAZ, 1976, p. 46).

É essa dicotomia, ainda presente em vários segmentos sociais, que a literatura procura erodir, apresentando a identidade como politização da diferença. Ao mesmo tempo, vai se desvanecendo a idéia de que é possível coincidir uma cultura com um território e uma organização política, que seriam os fatores de formação de identidade; identidade essa que sempre fora, realmente, a domesticação da diferença. A cultura deixa, então, de ser mero patrimônio transmitido de forma rotineira e surge como respostas diversas a demandas sociais diferenciadas e como expressão de significados do mundo simbólico, do valor do silêncio e da escrita, paradoxalmente mediatizados pela palavra.

A palavra é disfarce de uma coisa mais grave, surda-muda,
foi inventada para ser calada.
Em momentos de graça, infreqüentísimos
se poderá apanhá-las: um peixe vivo com a mão.
Puro susto e terror (PRADO, 1979, p. 30).

É a palavra poética que vai fazer a revelação da diferença, expondo os fatos de uma forma distinta da função puramente referencial da História, despertando um sentimento de identidade profunda que abre, para os ibero-americanos, um modo de ver e de ser. Note-se que não se quer negar a identidade nacional e, sim, problematizá-la, mostrar a concorrência dentre forças simbólicas que, uma vez preservadas, contribuem para formar a tradição. A esse respeito vale lembrar não só a diversidade étnica dos indígenas como interrogar: ao descobrir a América, qual era a identidade dos que aqui chegaram? A tripulação das caravelas estava longe da homogeneização que lhe emprestara a historiografia oficial. Observe-se o diálogo imaginário entre o Almirante e Fray Juan Buriel, em *Vigilia del Almirante*: "Usted sabe que don Luis de Santángel es judío converso. El conoce mi origen judío que me viene resbalando en la sangre de abuelo en abuelo desde hace siglos" (ROA BASTOS, 1992, p. 244).

Espanhol, genovês, judeu, Colombo tem ainda hoje a origem discutida, selando com sua incerteza a multiplicidade de etnias que desde o início marcou a formação da identidade e cunhou a diferença dos povos americanos. É importante, contudo, que se estabeleça, como ponto inicial do debate em torno dessas questões, a seguinte indagação: é possível conhecer o Outro sem, no próprio processo de seu conhecimento, reduzi-lo ao Mesmo? Colombo, exemplificando essa redução, encontra, nas terras recém-descobertas, sinais do Velho Mundo: prados, temperaturas, flores e frutas como os de Castela e Andaluzia. O espaço grandioso abre a imaginação, porém os referenciais são limitados; por convicção ou por interesse, o Almirante vê em tudo sinais da Espanha.

El tiempo es aquí como por abril y mayo en Andalucía. Ya se empiezan a sentir aires atemperadissimos, que es plaçer muy grande avanzar por esta mañana luminosa en la que no falta sino oír el canto de ruiseñor (ROA BASTOS, 1992, p. 296).

Roa Bastos (1992), em *Vigília del Almirante*, apropria-se do documento histórico (*Diários do descobrimento da América*) não como texto tutor, mas como arquivo de imagens. A escrita torna-se visualização, quando o texto é ilustrado por outro que pertence ao *corpus* de fundação do imaginário e a arte realiza a etologia da cultura, assumindo a intenção de testemunhar e documentar. Assim, ao relatar a lenda do Piloto Desconhecido, que, supostamente, teria dado um mapa a Colombo, com a localização da América, Roa Bastos levanta uma possibilidade histórica muitas vezes desconhecida do leitor não-especializado.

La identidad del Piloto, o más bien, los confusos datos, de esta fantasmal identidad, empezaron a ser "desvelados" tardíamente. El primero en hacerlo fue el Inca Garcilaso, más de un siglo después del Descubrimiento. En la primera parte de sus Comentarios Reales, la leyenda del Piloto desconocido, no negada como leyenda por el gran cronista, toma forma, nombre y nacionalidad: los del navegante Alonso Sánchez de Huelva. La leyenda se hace en cierto modo historia para el Inca. Los tiempos se precisan, los personajes se definen en un hecho irrecusable; los primeros *hombres blancos* llegaron a las Antillas diecisiete años antes del Descubrimiento (ROA BASTOS, 1992, p. 78).

Roa Bastos (1992) consegue a síntese entre a problemática estética e cultural, não só utilizando o distanciamento no tempo, como também através da ironia e dos diálogos intertextuais, como se pode comprovar com citações pertencentes aos *Diários*. A combinatória dos gêneros e das partes configura a narrativa como colagem, em que se estabelece uma inusitada ordem textual, compatível com a complexidade histórica. Não há apenas um narrador épico a contar sua história. A linguagem concretiza-se em discursos vários, despreza o narrador onisciente para manifestar-se numa polifonia de vozes e entrecruzar de discursos, sem dar ao leitor um ângulo privilegiado do fato histórico. Os capítulos de *Vigília del Almirante* (ROA BASTOS, 1992) explicitam essa variedade, ao intitular-se de maneira inusitada "Cuenta el Almirante" (ROA BASTOS, 1992, p. 13, 115, 216, 289, 305); "Cuentam los cronistas" (ROA BASTOS, 1992, p. 63); "Cuenta el narrador" (ROA BASTOS, 1992, p. 82, 118, 268, 335); "Cuenta el ermitaño" (ROA BASTOS, 1992, p. 354). Se Colombo assume o duplo e transforma-se em Almirante, o narrador, aqui, vai além e multiplica-se, como foi anteriormente exemplificado. Assim, a transformação de Colombo em personagem e o desdobramento dos narradores realizam a alquimia da História com a ficção. Os riscos e as incertezas que o Almirante enfrentou em sua viagem são transpostos para a narrativa, através das diferentes versões dos fatos, apresentadas pelos diversos narradores. Nessas condições, os eventos que se oferecem aos leitores

são apenas substitutos do que realmente aconteceu e este arrisca-se a ser uma impostura. Pouco importa que *Vigilia del Almirante* (ROA BASTOS, 1992) seja ou não a duplicação da viagem ou das vigílias de Colombo. Roa Bastos (1992) consegue transformá-la em um acontecimento único, pois a escritura traz, para os leitores, a mesma surpresa e a mesma satisfação de expectativa que assaltaram os antigos navegadores. O desdobramento dos narradores faz as incursões na ficção liberarem a crença no inverossímil, instaurando a simultaneidade da Idade Média com a Idade Moderna, enquanto as histórias se constroem a cada dia, ou a cada página.

Por outro lado, a distribuição aleatória das vozes narrativas mostra um narrador que se fragmenta e, mais ainda, tenta desaparecer. Tarefa impossível, porque a voz que fala é apenas sinédoque do narrador-autor, presente em todos os outros narradores. Nestas condições, ler é descobrir a alegoria que diz o "outro", realizar o paradoxo da prática da equivalência, aproximando os diferentes. Essa "apocrifia" do narrador-autor abala sua própria instância e faz vacilar seu estatuto: é ele mesmo e outro, está ao mesmo tempo incluído e excluído. A narrativa se faz, então, segundo a lógica do paradoxo: nenhum narrador prévio, pois esse aliena sua função, na medida em que não cessa de criar para si um duplo, de parecer diferente do que é, de afastar-se de seu próprio lugar, oferecendo-o a outro.

O Almirante faz suas intervenções na narrativa sem nunca assumi-la integralmente, fragmentando-a com suas interrupções e retomadas. Por sua vez, o narrador-autor, mascarado quase sempre, desvela o processo de escritura, fazendo da meta-enunciação o meio que conduz o leitor à reflexão crítica da narrativa.

Los relatos del capítulo anterior están entresacados del *Diario de a bordo* y en parte de los borradores del *Libro del Descubrimiento*. Componen estos pasajes el memorial que el Almirante asegura haber enviado a los Reyes desde Guanahaní, pocos días después de su arribo a la recién bautizada isla de San Salvador (ROA BASTOS, 1992, p. 335).

A explicitação dos artifícios convocados pelos narradores mostra não o descobrimento da América, mas o reencontro com esse evento primeiro, nunca recuperado integralmente. O presente da narrativa é preenchido pelo passado histórico, realizando a convergência mágica do "outro" tempo com o agora.

É justamente na confluência dos vários tempos e discursos que a narrativa encontra um caminho original, exibindo a diferença que caracteriza os universos social e individual nela relatados e, concomitantemente, apresenta, do ponto de vista literário, suas formas singulares e inovadoras. A instauração de diversos pontos de vista impede que a viagem do Almirante seja um mero dado referencial. O desdobramento das perspectivas aí configuradas encena não só a heterogeneidade discursiva, mas também os inúmeros efeitos de sentido provocados pela diversificação dos narradores. A vigília, enunciada no título do romance, é concretizada na própria narrativa e aparece como metáfora da condição necessária à sobrevivência das

culturas condenadas à globalização e como realidade da personagem Almirante.

Quiere este texto recuperar la carnadura del hombre común oscuramente genial, que produjo sin saberlo, sin proponérselo, sin presentirlo siquiera el mayor acontecimiento cosmográfico y cultural registrado en dos milenios de historia de la humanidad. Este hombre enigmático, tozudo, desmemoriado para todo lo que no fuera su obsesión, nos dejó su ausencia, su olvido. La historia le robó su nombre. Necesitó quinientos años para nacer como mito (ROA BASTOS, 1992, p. 9).

A impessoalidade do discurso retira as glórias do Almirante para apresentá-lo como personagem dessacralizada, enquanto o "fato" surge como fundamento de uma nova existência, a literária, onde a origem é, enfim, aprisionada. *La Vigilia del Almirante* (ROA BASTOS, 1992) é uma arquinarrativa, pois, assim como no arquifonema há neutralização de vários traços distintos, na arquinarrativa há neutralização de várias histórias, em proveito de uma só. A multiplicação dos narradores cria sua própria história, também não-definitiva, de vez que será modificada por cada leitor. Essa duplicação "ad infinitum" é a tentativa de burlar o inapreensível e ser *arché* indestrutível.

O recurso ao documento, imbricado a outros discursos que simulam o factual, instaura uma ordem singular em que o narrador nomeia aspectos da realidade não percebidos até então. O jogo lingüístico confronta atitudes diferentes diante da vida. A estratégia é a valorização do Outro, a observação e a nomeação da diferença que o Almirante passou a interpretar como animalidade.

Yo tengo el juicio ya libre y claro, limpio de la amarga y continua leyenda que sobre él acumularon los fechos y las fechas y los malfechores de mi honra. Pido cuan encarecidamente ser pueda perdón a los historiadores y Cides Hametes Benengelís de la vera historia que mi vida tener pueda. A mí sólo me tocó vivirla. A ellos, les tocará revivirla, que es la parte más engorrosa y difícil de la obsesión de narrar (ROA BASTOS, 1992, p. 383).

Se Colombo considera os índios como bestiais, realizando o prólogo de uma visão que se desenvolveria pelos séculos seguintes, Roa Bastos cita o texto de Colombo para mostrar, no epílogo do século XX, quem eram os verdadeiros possuidores de bestialidade e denunciar a violenta supressão do Outro, objetivado pelo olhar europeu.

Sentía que su piel tostada por el sol de hierro de esas latitudes era más impenetrable que el metal de los petos. Su desnudez era el signo más visible de su bestialidad natural a la que no se podía pedir ni exigir modales cautos por manera civilizada (ROA BASTOS, 1992, p. 311).

O narrador-Colombo mimetiza, em seus diários, o desejo europeu, na evidência de que mimese é um fato político e se realiza pela repetição, que vai formar a *traditio*. É preciso, portanto, atentar

que, se a literatura não é uma arte “inocente”, também não o é o uso do narrador, pois este pode influir sobre o que deve ser mantido culturalmente. Em *Vigilia del Almirante* (ROA BASTOS, 1992), tem-se um torneio de narradores, que procuram esgotar seus argumentos; o narrador-autor dá a todos o direito de réplica e, simultaneamente, emprega sua autoridade para forçá-los a falar.

Em *Vigilia del Almirante* (ROA BASTOS, 1992), a consciência, que falta ao Almirante e aos outros membros da expedição espanhola, comparece à narrativa, funcionando como remontagem da cena original, sacralizada pela força ritualística da escritura. A aculturação imposta aos habitantes das terras americanas, talvez a grande obra finissecular dos Reis Católicos, converte-se em tema de uma literatura que enuncia uma nova forma de resistência, através da sutil ironia, tentando viabilizar a superação do *boom*, surgido em meados deste século.

Y el hombre es la substancia más maleable y deleznable que existe. Depende de lo que haga con ellos en una situación determinada. Los héroes se diferencian muy poco de los criminales. A veces éstos son más, héroes y los heróes más criminales (ROA BASTOS, 1992, p. 31).

Ao acompanhar a obra de Roa Bastos, pode-se perceber, no projeto estético do autor, uma continuidade do projeto idealizado pelo realismo maravilhoso, que pretendia encenar a diferença exibindo o fantástico de nossas vidas. Roa Bastos, que sempre tratou a história como *leit-motiv* de seus romances, vai em busca da figura inaugural de nossa realidade, tantas vezes injusta e opressiva.

Ao criar uma realidade imaginária, a literatura passa a criar significados do mundo; a narrativa engendra uma realidade ficcional, rompendo seus compromissos com o documento e constituindo-se não como expressão de um conteúdo conhecido *a priori*, mas assumindo-se como invenção que desmistifica o absoluto da verdade histórica. A rejeição de uma só voz narrativa constitui um procedimento importante nesse jogo de indiferenciação. O narrador-mutante só tem compromisso com sua maleabilidade e, potencialmente, autoriza as diversas versões dos contos. É o que faz Roa Bastos (1992) em *Vigilia del Almirante*. Para que o leitor perceba a subversão operada pelo escritor paraguaio, é necessário atentar para as modificações que a literatura hispano-americana vem sofrendo na pós-modernidade, pois, em *Vigilia del Almirante* (ROA BASTOS, 1992) a História não é mero pretexto da criação literária, é algo que lhe é interno e dramatiza a cultura, dirigindo-se a todos aqueles que, em nossa *terra em transe*, procuram formas de resistência à globalização contemporânea. “Lo imposible no existe. Lo imposible no es sino la cadena de posibles que no há empezado a cumprirse todavía” (ROA BASTOS, 1992, p. 30).

O jogo multiplicado de narradores descaracteriza a *imago mundi* legada pelo descobridor e reflete a “impossibilidade teórica e prática na qual nos encontramos, hoje, de viver ainda a história como uma linha unitária que teria um sentido e no horizonte da qual poderíamos

definir valores" (VATTIMO, 1987, p. 17). Coloca-se aí, também, a questão do sujeito do conhecimento que se torna uma ficção, articulada às leis e à causalidade. Isso significa que a História não pode reduzir-se às relações entre causa e conseqüências, pois, como afirma Nietzsche, "as coisas não se comportam regularmente, de acordo com uma regra: não existem coisas (são ficções que inventamos): e, na mesma medida, não se comportam sob o constrangimento da necessidade" (NIETZSCHE, 1992, p. 361). Na variabilidade de pontos de vista há o discurso que diz o novo, mas também o que se realiza como contradiscurso e há ainda a demolição crítica do que foi herdado, já que a experiência do presente exige a descoberta de argumentos e de uma escritura capaz de derrubar os obstáculos à singularização. Ao invés do ressentimento ou da vingança, os americanos doam generosamente seu leite incorrupto ao conquistador e fazem-no filho da terra por ele ultrajada.

Con suavidad maternal ella depositó al infante en el suelo; después metió un pezón en la boca del Almirante. La leche se derramó blanquísima sobre la barba. La mujer probó con el outro pezón y entonces el Almirante empezó a succionar anhelante como si de verdad él también empezara a probar el alimento vital por primera vez en sua vida (ROA BASTOS, 1992, p. 361).

Essa capacidade de inverter situações é o que Roa Bastos procura encontrar, acenando com a esperança de que sejamos capazes de vencer o medo da homogeneização pós-moderna, para realizar a diferença singularmente; é preciso acreditar que

Cada individuo es infinito y misterioso como el universo mismo, y ante cada uno la imaginación tiembla sin saber por dónde comenzar para entenderlo y menos aún en qué punto terminar. Por lo cual ninguna historia tiene principio ni fin y todas tienen tantos significados como lectores aya (ROA BASTOS, 1992, p. 383).

Abstract

This article proposes a reflection on theoretical problems involved in the narrator, more precisely in the novel of Roa Bastos, Vigilia del Almirante. Our intention is to build relationships between fiction, indentity and History that might be able to show the original scene and the circumstance these relationships take place.

Keywords: Narrator; Literature and History; Literature and Identity; Roa Bastos.

Referências

- JAMESON, Frederic. *As sementes do tempo*. Tradução José Rubens Siqueira. São Paulo: Ática, 1997.
- LAS CASAS, Frei Bartolomé de. *O paraíso destruído*. Porto Alegre: L & PM, 1984.
- NIETZSCHE, Friedrich. *The will to power*. New York: Vintage Books, 1968.
- PAZ, Octavio. *Signos em rotação*. Tradução Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- PRADO, Adélia. *Bagagem*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979.
- ROA BASTOS, Augusto. *Vigília del almirante*. Buenos Aires: Sudamericana, 1992.
- VATTIMO, G. Fim da modernidade, fim da história. *Jornal de Letras, Artes e Idéias*, Lisboa, 8/14 jun. 1987.